



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**MÁRCIA TAFAREL**

**(depoimento)**

**2015**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-642

**Entrevistada:** Márcia Tafarel

**Nascimento:** 15/03/1968

**Local da entrevista:** Residência da entrevistada. Concord (EUA)

**Entrevistadora:** Silvana Vilodre Goellner

**Data da entrevista:** 27/11/2015

**Transcrição:** Luiza Loy Bertoli

**Copidesque:** Suellen dos Santos Ramos

**Pesquisa:** Suellen dos Santos Ramos e Silvana Vilodre Goellner

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 1 hora 5 minutos e 32 segundos

**Páginas Digitadas:** 27 páginas

**Observações:**

Entrevista produzida para o *Programa Futebol e Mulheres* desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e História (GRECCO)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Início no futebol no Rio Grande do Sul; Carreira como jogadora de futebol de campo; Apoio familiar; Transferência para São Paulo; Dificuldades; Profissão fora do futebol; Temporada no Saad Esporte Clube; Convocação para Seleção Brasileira; Participação nos Jogos Olímpicos; Participação em Copas do Mundo; Pioneirismo em competições de futebol feminino; Temporada nos Estados Unidos; Aprendizado e objetivos; Carreira como treinadora de futebol; Experiência e vida no exterior.

Concord (Califórnia, Estados Unidos), 27 de novembro de 2015. Entrevista com Márcia Tafarel a cargo da pesquisadora Silvana Vilodre Goellner para o Projeto Garimpando Memórias

S.G. – Márcia, inicialmente gostaria de agradecer tua disponibilidade em conceder uma entrevista para nosso projeto. Se possível, queria que você começasse falando como começou a jogar futebol lá no Rio Grande do Sul?

M.T. – No Rio Grande do Sul. Então, a minha história eu acho que é praticamente semelhante a história de todas as meninas que começaram a jogar futebol na década de 1980, que a lei que proibia as mulheres de jogar futebol feminino foi revogada. A gente, e eu no caso, comecei a participar de uma peneira em um clube na cidade de Bento Gonçalves, eu já jogava bola.

S.G. – Você jogava na escola?

M.T. – No meio da molecada, na rua, com primos, com amigos, com vizinhos, então...

S.G. – Não participou de peneira?

M.T. – O lance da peneira foi até interessante, porque eu nunca imaginei que tivesse futebol feminino na cidade de Bento Gonçalves, porque tradicionalmente, cidade italiana, colonização italiana, educação super rígida... Mulher é pra ajudar na cozinha.

S.G. – Já tinha um time lá, o de Bento Gonçalves?

M.T. – Estava sendo formado esse time. Então a minha mãe conhecia o treinador, como a minha mãe sabia, ela falou assim: “Chega de jogar bola na rua. Você é a única menina no meio dessa molecada toda jogando bola na rua.” E como ela conhecia o treinador que estava formando esse time, ela disse: “Sabe de uma coisa, tu está com treze anos de idade está na hora de parar de jogar bola na rua com esses meninos, você tem que achar... É melhor você tentar achar um local onde meninas possam jogar também”. E como estava sendo formada essa equipe para representar a cidade em competições regionais mesmo,

minha mãe disse: “Vou te levar na peneira que vai ter lá no campo do Clube Esportivo<sup>1</sup> que estão tentando formar um time feminino aqui na cidade e eu conheço o treinador. Sei que você está novinha e tudo, e o time é adulto, mas não custa nada te levar pra ver em que nível você está, já que você gosta tanto de jogar bola”. E a minha mãe era a única que incentivava. Dentro da minha família, a minha mãe era a que eu falava: “Mãe, eu gosto de correr”. “Ótimo, vai correr minha filha”. “Mãe, eu gosto de jogar basquete”. “Ótimo, vai jogar basquete minha filha”. Não tinha esse preconceito na cabeça dela de que esse esporte é pra menina, esse esporte é pra menino, coisa que na família do meu pai, que era tradicionalmente o pessoal da colonização italiana, eles já tinham essa coisa de: “Não, isso não é pra você”. O meu pai era completamente contra eu jogar bola na rua com moleque, meu pai achava que esporte não era para menina, ele achava que as meninas tinham que ser prendadas, que tinham que ajudar a mãe na cozinha, que tinham que ajudar a mãe na casa, fazer os deveres da casa, mas ele achava que praticar esporte era uma coisa absurda para menina e, quando ele me via jogar bola na rua, ele falava: “Vai pra casa menina, não tá na hora de você ir para casa não?” E a minha mãe: “Não, tá cedo ainda. Pode brincar. Tem mais umas horinhas pra você brincar.” E o interessante é que meu avô, com sessenta e tantos anos de idade, ele trabalhava durante o dia na firma que ele tinha de construir barrilzinho. Meu avô, inclusive, era muito conhecido na cidade porque ele fazia as pipas para as vinícolas, então, ele tinha aquele trabalho artesanal de construir as pipas e tal. E eu ajudava ele de vez em quando, gostava de ficar perto do meu avô e acompanhar ele no trabalho e ver como é que ele fazia as pipas, e a gente conversava muito. Então, no final do dia quando eu estava na rua brincando de bola, ele sentava no muro para me assistir jogar e o meu avô, apesar de ser filho de italiano, nunca foi contra, nunca falou assim: “Ei menina, vai pra casa, você não pode jogar bola”. Ele ficava observando e ficava torcendo pra mim contra os meninos e falava para a minha mãe “Eita, essa negrinha joga! [RISO]” Então esse negócio de chamar de pretinha, de negrinha, não tinha preconceito, era uma coisa carinhosa, era um jeito carinhoso que ele me tratava. Mas enfim, a minha mãe me levou para a peneira desse time feminino que estava sendo criado em Bento Gonçalves, e eu comecei a treinar. Eu cheguei lá tímida, todas as meninas de dezoito anos para cima, eu com treze anos de idade, a mais pequenininha. Comecei, cheguei tímida, mas o treinador, que era amigo da minha mãe, falou assim: “Vai lá, pega uma bola e começa a brincar com

---

<sup>1</sup> Clube Esportivo Bento Gonçalves.

a bola”. E eu disse: “Tá bom!”. Peguei a bola, comecei a fazer embaixadinha e já vi ele conversando com a minha mãe. Começaram os treinamentos, passar a bola, as meninas passavam a bola e tal, eu trabalhei com trabalho de passe, e aí começou a peneira mesmo. Ele ficou hesitante de me colocar no começo, mas ele disse: “Vou te colocar no finalzinho pra ver como é que você se sai no meio das meninas maiores”. Já tinha quinze minutos de treino da peneira e acho que tinha só mais meia hora de treino, daí chegou mais ou menos no final da peneira e ele disse: “Tá bom. Vai lá. Em que posição você joga?” E eu disse: “Eu não tenho uma posição fixa, mas eu gosto de fazer gol, então, acho que sou atacante [risos]”. Aí ele me colocou como atacante. Depois de dois, três minutos que eu estava jogando, já fiz um gol, dei passe, roubei a bola das meninas mais velhas, aí ele viu que eu tinha competitividade, que eu tinha o “atleticismo”, a força física para jogar no meio das meninas grandes. Então, ele disse que ia conversar com a minha mãe, que acabou a peneira e que ia conversar com a minha mãe. E eu fiquei do lado esperando pra ver o resultado, se eu era muito nova pra jogar ainda, se ele não ia me selecionar. Minha mãe, quando estávamos indo para casa, falou que ele disse pra ela que ele seria louco se não me chamasse para o time. E minha mãe disse que ela ia ficar responsável de me levar para os treinos, já que eu era tão novinha, ela ia me acompanhar. Isso foi em 1982, exatamente. Ou seja, a minha mãe praticamente virou roupeira do time, dirigente do time, para estar junto comigo, me incentivar.

S.G. – Que legal.

M.T. – E de 1982 até 1987 que foram os anos que eu joguei no Rio Grande do Sul porque depois eu me transferi para Campinas.

S.G. – Você foi para o Inter<sup>2</sup>? Foi para Campinas. Você jogou no Inter?

M.T. – Na verdade eu não joguei no Inter, eu joguei na Seleção Gaúcha. Foi assim: em 1982 eu joguei no Bento Atlético Futebol Feminino e, um ano depois, o Bento Atlético Futebol Feminino se tornou o Esportivo para poder jogar o Campeonato Gaúcho. Aí eu

---

<sup>2</sup> Sport Club Internacional.

joguei o Campeonato Gaúcho pelo Esportivo em 1983 e 1984, depois não teve mais Campeonato Gaúcho, eu lembro que a gente não disputou em 1985...

S.G. – E nem 1986.

M.T. – Aí se formou a Seleção Gaúcha em 1986 para se disputar o campeonato de seleções em Campinas. Eu fui convocada pela Federação Gaúcha para participar da Seleção Gaúcha nesse Campeonato de Seleções que viajou para Campinas em 1986. Jogamos o Torneio de Seleções, o Campeonato de Seleções, acho que o Rio Grande do Sul, se eu não me engano, terminou em terceiro ou quarto lugar.

S.G. – Terceiro.

M.T. – Terceiro lugar, se eu não me engano. E foi aí que eu recebi o convite do Saad<sup>3</sup> para me mudar e jogar pelo Saad de Campinas. Na época eu estava trabalhando e eu não quis mudar diretamente para Campinas, então, eu fazia o seguinte: Eu trabalhava durante a semana e, isso eu tinha dezesseis para dezessete anos de idade, eu trabalhava durante a semana aí os jogos normalmente eram nos finais de semana. O que acontecia é que eu perdia o dia da sexta-feira para viajar para Campinas, chegava em Campinas no sábado de manhã, jogava no sábado à tarde e no domingo à noite eu pegava o ônibus e voltava para o Rio Grande do Sul.

S.G. – Que loucura!

M.T. – Dezesseis, dezessete horas de viagem de ônibus, para na segunda-feira à tarde ir para o trabalho. Eu perdia o período da manhã na segunda-feira, chegava no Rio Grande do Sul, em Bento na segunda-feira de manhã, ia trabalhar segunda à tarde. Eu trabalhava em uma fábrica de bolsas e, era uma fábrica de couros, se chamava Fasolo<sup>4</sup> no Rio Grande do Sul. Então fazíamos carteiras, cintos, eu trabalhava na parte de carteiras e eu tinha... Era muito nova, comecei a trabalhar quando eu tinha doze anos de idade, eu já trabalhava como babá para ajudar no orçamento da casa, porque uma coisa que ficou muito gravado

---

<sup>3</sup> Saad Esporte Clube.

<sup>4</sup> Fasolo Artefatos de Couro Ltda.

na minha cabeça é que quando eu comecei a me interessar pelo esporte, meu pai falava que esporte não dava dinheiro e que ele não ia criar, a palavra que ele usou, “vagabundo”. Mas eu entendi que ele não quis, vamos dizer assim, ser rude com a gente, mas se você ouviu essa palavra agora, é uma coisa rude, porque como é que você vai falar para uma criança de doze anos de idade que não vai criar vagabundo? Então isso ficou muito gravado na minha mente. Lembro que eu falava para a minha mãe: “Mãe, eu quero trabalhar para ajudar no orçamento de casa, porque eu sei que vai chegar uma época que eu vou querer jogar e eu não quero o meu pai pagando pelos meus estudos, eu quero eu mesma pagar pelos meus estudos”. Então comecei a trabalhar como babá. Eu falava para ela: “A senhora paga minha escola e o que sobrar a senhora usa para fazer as compras da casa, o que precisar para casa.” Mas eu pedia aquele dinheiro para ela para pagar a minha escola, porque eu falava pra ela: “É o que o papai falou, eu não quero que ele fique me sustentando a vida inteira. Então, eu já estou com doze anos de idade, já tenho que cuidar de ganhar dinheiro para poder pagar pelas minhas coisas também. Então eu entendo o que o papai tá falando.” Já com doze anos de idade, isso já ficou na minha mente: eu preciso trabalhar, eu preciso ganhar meu dinheirinho para poder, não só ajudar a família, mas também, progredir e ter meu dinheiro. Então essa coisa ficou comigo. E quando eu comecei a levar o esporte mais seriamente, quando... No caso o futebol mais seriamente, porque eu fazia vários esportes, eu até comentei contigo que na época, a gente tinha muitos Jogos Estudantis, chamávamos Jogos Estudantis da Primavera...

S.G. – Primavera.

M.T. – Então tinham os Jogos Estudantis da Primavera, Jogos Estudantis do Verão, Jogos Estudantis de Inverno.

S.G. – E tu participavas de tudo?

M.T. – Tudo. Tudo que eu achava que eu podia trazer alguma medalha para a escola, ou que eu podia trazer algum primeiro lugar para a escola, eu participava. Então, eu corria, tinham as competições que inclusive eram no exército lá na escola de comunicação do exército lá na cidade de Bento Gonçalves, que tinha a pista e que a gente fazia... Então tinham oitocentos metros rasos, quatrocentos metros rasos, duzentos metros rasos. O

professor de atletismo perguntava para mim: “O que você gosta de fazer? Você é mais veloz ou tem mais resistência?” E eu falava: “Veloz eu não sou, mas eu posso correr bastante [riso]”. Aí ele me colocava nas provas de maior resistência, que eram os oitocentos metros, os mil e duzentos metros. E eu gostava também de saltar, então, eu fazia o salto em distância - não o salto em altura, porque eu não conseguia saltar alto - mas o salto em distância eu conseguia. Até eu lembro das colocações que eu consegui na época: eu tirei o terceiro lugar no salto em distância, acho que eu tinha doze, treze anos de idade, eu estava na sexta série, então treze anos de idade; terceiro lugar no salto em distância, primeiro lugar nos oitocentos metros, primeiro lugar nos mil e duzentos. No dia seguinte quando você vinha com as medalhas, o pessoal todo perguntava, aí era anunciado. A gente tinha sempre no começo das aulas que cantar o hino, era muito patriótico naquela época, muito diferente de agora, não sei nem se as crianças se reúnem na frente do pátio, de todas as classes para cantar o hino. Tínhamos isso na época que a gente cantava o hino, e os professores, diretor da escola, falava sobre os jogos, quem participou dos jogos, qual foi a classificação nos jogos, então, as crianças que participavam, que representavam a escola nos jogos estudantis, iam para frente...

S.G. – As medalhas...

M.T. – E eles apresentavam a gente e mostravam as medalhas. Então para mim era um orgulho participar dos Jogos Estudantis e representar a escola. Quando eu comecei a levar mais a sério o futebol, especificamente, foi nessa época que a minha mãe me levou para a peneira, porque até então eu só brincava com os vizinhos e não tinha o pensamento “A, vou ser uma jogadora profissional”. Eu queria ser professora de Educação Física, isso eu já tinha em mente: “Quero me formar em Educação Física, porque eu quero trabalhar com esporte”. Mas eu não tinha esse negócio de ser jogadora profissional, mesmo porque alguns anos anteriormente era proibido a mulher jogar futebol, então, como é que você quer ser jogadora profissional de futebol...

S.G. – Se nem existe possibilidade da profissão.

M.T. – Se nem existe a possibilidade dessa profissão? Então quando eu comecei a levar mais seriamente o futebol, foi nessa época em que se formou o time na cidade, que a gente

começou a representar a cidade no estado, nas competições do estado, e deixaram de ter só aquelas competições regionais. Porque no começo a gente jogava por ovelha, por vaca, por porquinho, então, a gente fazia churrasco. A gente ganhava o torneio no interior da cidade, ganhava uma ovelha, a gente levava essa ovelha pra quem tinha um terreno bom, cuidava da ovelha por um tempo, depois matava a ovelha e fazia churrasco para o time todo.

S.G. – Fazia churrasco?

M.T. – Para o time dos familiares. Então a gente jogava os torneios por causa disso, era uma coisa divertida, você conhecia o interior do estado, jogava por diversão, não tinha esse negócio: “Vou ganhar dinheiro com isso”. Quando eu fui convocada para a Seleção Gaúcha em 1986 e aí você passa a ter essa ideia “Pô! Estou na Seleção Gaúcha, o próximo passo é a Seleção Brasileira. Quero chegar à seleção brasileira!” Então você começa a pensar isso. Na época, em 1986, não se falava de seleção brasileira, porque a CBF<sup>5</sup> não tinha *nenhum* interesse em futebol feminino. Todos os campeonatos nacionais não eram organizados pela CBF, eram organizados por algumas Federações que faziam campeonatos e convidavam equipes de outros estados para participar. Nesse caso, em 1986, do Torneio das Seleções... Eu nem sei na verdade quem é que organizou o Torneio de Seleções, mas algumas seleções, se não me engano foram oito seleções que participaram: o Rio Grande do Sul, Minas Gerais, São Paulo, Rio de Janeiro, através da Portuguesa Carioca,...

S.G. – Amazonas?

M.T. – Não. Bahia, Paraná, se não me engano. Eu não lembro de todas as seleções. Mas foi a primeira seleção que participou desse campeonato. E aí o próximo passo na minha cabeça, eu falei: “Poxa! Fui convocada para a Seleção Gaúcha que foi representar meu estado, o próximo passo é eu continuar treinando para, de repente, eu jogar em alto nível quando tiver uma Seleção Brasileira, eu ser chamada também”. Só que depois de 1986 eu fui convidada pelo Romeu<sup>6</sup> para participar de alguns jogos pelo Saad, até então eu não tinha ideia de sair do Rio Grande do Sul pra ir à São Paulo para jogar. Na época, depois que voltamos da Seleção Gaúcha, você vê que não tem muitas competições para gente

---

<sup>5</sup> Confederação Brasileira de Futebol.

<sup>6</sup> Romeu Carvalho de Castro.

continuar em atividade em alto nível. Então, todo torneio que se organizava no Rio Grande do Sul em nível de competição para futebol, seja futebol, seja futsal, eu tentava participar. Às vezes tinha um período que a gente não disputava competições de futebol, mas tinha competições de futebol de salão, aí a gente dividia a equipe, via quem é que tinha condições dentro da equipe de campo de jogar futebol de salão, aí participava das competições de futebol de salão. Até que surgiu o convite de ir para São Paulo, depois que eu fiz alguns jogos pelo Saad, o Romeu de Castro perguntou se eu queria continuar jogando pelo Saad. Aí foi uma decisão que eu tive que tomar com a minha família, porque pra eu continuar fazendo que era sair na sexta-feira, jogar final de semana, voltar para trabalhar na segunda era uma coisa muito doida, uma coisa muito corrida, chegava na segunda-feira super cansada e tinha que ir direto para o trabalho. Então eu tive que chegar num ponto que eu tinha que conversar com a minha família e decidir. Se eu queria continuar jogando futebol de alto nível, eu teria que mudar para Campinas, no caso, que era a sede do Saad na época. A minha mãe ficou um pouco hesitante, porque dar o suporte para eu jogar futebol estando perto da família é uma coisa; você partir para outro estado, sem a família por perto, você só com dezessete anos de idade - eu não era de maior ainda... O convite do Romeu para mudar definitivamente veio no final do ano de 1987, eu estava com dezessete anos, eu faria dezoito só em março. Então a minha mãe falou assim: “Não sei se é uma boa ideia. Você está muito nova ainda, você nunca morou sozinha, você tem a família por perto. Se você mudar para Campinas e acontecer alguma coisa, a gente não tá por perto”. Então para ela foi um baque, principalmente, porque eu era muito apegada a minha mãe, a gente era assim grudadas. Unha e carne. Então, para mim também foi uma decisão difícil, porque eu tinha nela toda a minha inspiração, ela quem me motivava a enfrentar os problemas. Porque quando você joga no Rio Grande do Sul, você sabe que você vai enfrentar preconceitos, na década de 1980 então... Meninas jogando futebol, você vai para o campo, mas você não escuta só flores, você escuta as flores e você escuta os espinhos...

S.G. – Os espinhos todos.

M.T. – Todos. Então a minha mãe estava lá para me suportar quando os espinhos vinham. E foi uma fase bem difícil, porque na minha cabeça, eu não conseguia entender o porquê que uma menina não podia jogar futebol. Eu sabia que tinha o preconceito, mas a gente não

tinha isso na cabeça. “Por que eles estão me chamando disso?” Tinham palavras que eu falava assim: “Mãe, o que significa isso?” [RISOS] porque eu ouvia e eu falava: “Mãe o rapaz ali falou isso para mim. O que significa?” E ela falava para mim: “Esquece porque você vai escutar isso. Agora, você quer escutar o que vem de fora ou você quer se concentrar no que você tá fazendo?” Obviamente que eu quero me concentrar no que estou fazendo e quero fazer bem o que eu estou fazendo. Quando você passa a ter o entendimento do que as palavras significam, machucava pra caramba e teve uma vez, inclusive, que a minha mãe foi brigar com um cara fora do...

S.G. – Do espaço do jogo.

M.T. – Do jogo. Ela estava no banco, na época ela era uma das assistentes. Minha mãe sempre fazia parte, como eu te falei, ela passou a me acompanhar, ela fazia parte de tudo da vida esportiva. Então ela ficava no banco, precisava de um massagista, ela era a massagista, precisava de roupeira, ela era a roupeira. Uma vez fomos jogar no interior, se não me engano, foi até em São Leopoldo, e esse cara meio doido, começou a falar um monte, diretamente para mim, primeiro porque eu tinha a pele escura, porque eu sou filha de baiano, tinha pele escura, segundo porque era uma menina de pele escura jogando futebol. Então, duplo preconceito.

S.G. – Jogando muito bem, muito provavelmente.

M.T. – Duplo preconceito. E esse foi o problema. Nesse jogo, se não me engano, fiz dois ou três gols e ele não admitia uma menina, de repente, jogando bem e a cor da pele também não ajudou. Então vieram todos os tipos de preconceitos e a minha mãe teve que [risos]...

S.G. – E ela começou...

M.T. – Tomar as rédeas, vamos dizer que ela foi lá conversar [risos]. Mas na verdade, ela foi lá conversar, ela foi...

S.G. – Tirar satisfação.

M.T. – E tirou. Desde aquele momento, você tem aquela pessoa como sua inspiração. Para brigar com o mundo para você fazer o que você ama fazer. Então, nesse sentido, a minha mãe sempre me passou esse lance de ser forte, de lutar pelo que você quer, seus gostos, porque sempre vai ter gente para te puxar para trás. É você, a sua força interior, é o suporte dos amigos que você tem, da família que você tem, que faz você querer alcançar as coisas, então, a minha mãe foi a minha inspiração para isso. Mas não foi fácil começar a jogar futebol no Rio Grande do Sul, isso com certeza, por todo o preconceito que a gente sofria na época, por ser o início do futebol feminino. Então, como você é pioneira, você sempre tem que enfrentar e colocar a cara a tapa no começo para depois plantar a sementinha para as novas gerações colherem uns frutos melhores. No começo você não colhe nada, aí depois você começa a colher os frutos pequenininhos, pequenininhos e, às vezes, os frutos não dão. É o que eu te falei, a gente plantou essa sementinha e a gente sabia que teria que enfrentar muita coisa para conseguir essa geração de agora ter o que tem, que não é perfeito, mas que já é um passo muito melhor do que a gente teve que dar.

S.G. – É verdade.

M.T. – O meu começo foi muito difícil, muito complicado, porque o que eu falei pra mãe: “Mãe, porque eu tenho que passar por isso para fazer o que eu gosto? Eu não quero continuar, é muito doloroso ter que ouvir o que a gente ouve e eu só estou aqui jogando, porque a senhora está do meu lado. Se a senhora não tivesse do meu lado, eu acho que eu já teria optado por outro esporte, porque o futebol feminino é muito complicado aqui no Rio Grande do Sul.” Então, quando eu tomei a decisão de sair do Rio Grande do Sul pra ir pra Campinas, eu também levei isso em consideração, porque Campinas era uma cidade grande, eu teria mais chances de me destacar lá, mas também sabia que eu poderia continuar a trabalhar e estudar. Eu coloquei para a minha família: “Olha, eu não estou deixando a família de lado, eu estou tentando abrir um caminho para crescer como pessoa, porque eu não vou conseguir ficar na barra de vocês o resto da minha vida, a ponto das minhas asas terão que voar sozinhas”. Eu decidi, junto com a família, que eu acho que eu tinha condições de ir pra Campinas e levar a vida de uma forma correta, porque os ensinamentos da família foram bons. Então achei que eu tinha estrutura e cabeça pronta para poder viver sozinha. E a partir de 1987 eu disse: “Tá bom. Vamos levar a sério então.

Vamos lá!” Foi quando eu mudei do Rio Grande do Sul para Campinas. Final de 1987 e começo de 1988.

S.G. – Você jogou quanto tempo no Saad?

M.T. – No Saad eu fiquei... Bom, os primeiros jogos foram em 1986, mas foi praticamente de 1987 a 1992. Aí eu mudei de Campinas, definitivamente, para São Paulo que foi quando eu comecei a jogar com outra equipe em São Paulo.

S.G. – Você jogou onde em São Paulo?

M.T. – Depois que eu saí do Saad, eu passei por algumas equipes de futebol de salão, no caso a Armco<sup>7</sup>, que era uma empresa em São Caetano do Sul que patrocinava o futebol de salão feminino. Aí da Armco eu fui para a Eurosport que também era uma empresa que patrocinava o futebol feminino e também tinha o futebol de salão. Eu fui para o futebol de salão, mas também expandiram do Eurosport São Paulo para o Eurosport Bahia, aí eu jogava futebol de salão pelo Eurosport São Paulo, mas eu jogava o futebol de campo pelo Eurosport Bahia.

S.G. – Nossa!

M.T. – Então eu saí do Saad, fui para Armco, da Armco fui para o Eurosport, aí joguei salão e campo pelo Eurosport São Paulo e Eurosport Bahia, aí eu saí do Eurosport e fui para Marvel de Santos que era futebol de salão, mas que às vezes disputava campeonatos de futebol de campo também, da Marvel eu fui para a equipe Sabesp<sup>8</sup>; da Sabesp se criou o Corinthians<sup>9</sup>, aí fui para o Corinthians, acabou Corinthians e fui para o São Paulo<sup>10</sup>, acabou o São Paulo fui para o Palmeiras<sup>11</sup>, aí continuei na Sabesp como treinadora das equipes de base, da sub-15 e da sub-17. Perdão, da sub-17 e da sub-20. E fiquei jogando só futebol de salão depois disso, ou seja, de 2000 que foi o último ano que joguei futebol de campo pelo

---

<sup>7</sup> Empresa de comércio de aço e ferro.

<sup>8</sup> Companhia de Saneamento Básico da cidade de São Paulo.

<sup>9</sup> Sport Club Corinthians Paulista.

<sup>10</sup> São Paulo Futebol Clube.

<sup>11</sup> Sociedade Esportiva Palmeiras.

Palmeiras, até começo de 2004, eu fiquei como jogadora de futebol de salão e treinadora de futebol de salão, e trabalhava no departamento de esporte da Sabesp.

S.G. – E como foi a convocação para jogar na Seleção?

M.T. – A minha primeira convocação foi em 1988, foi para a Seleção de 1988, mas o problema foi o seguinte: como eu te falei, saí do Rio Grande do Sul pra ir para Campinas em 1987. Eu morei na casa do Romeu por, praticamente, um ano. Até que eu falei assim: “Romeu, eu tenho que arrumar um trabalho, eu tenho que voltar a estudar, eu tenho que ter o meu canto e eu não quero ficar morando aqui com a sua família, eu acho que é uma coisa meio... Eu agradeço a ajuda, mas eu tenho que seguir meu passo”. Então, começo de 1987 até o final de 1987 eu morei na casa do Romeu. Os pais do Romeu foram super gentis comigo. Então eu ficava hospedada na casa deles, mas no final de 1987 eu apliquei para um trabalho na Fundação Bradesco e eu continuava jogando futebol de campo e futebol de salão pelo Saad. O Saad fez alguns jogos amistosos contra o Radar<sup>12</sup>... A gente jogou contra o Radar no Campeonato Brasileiro, tal e tal. Mas a base do Radar foi para a Seleção de 1988. Então a seleção era o Radar com mais algumas jogadoras.

S.G. – Era o Radar com mais algumas jogadoras.

M.T. – Quando saiu a convocação, já tínhamos feito alguns jogos amistosos e convocaram três meninas do Saad: uma era eu, outra era a Fininha<sup>13</sup>, outra era a Ana Lúcia<sup>14</sup>. Eu tinha aplicado pra um trabalho na Fundação Bradesco, recebi o “ok” do emprego, estava há dois meses no emprego quando saiu a convocação oficial, aí eu tive que decidir...

S.G. – Largar o emprego...

M.T. – Largar o emprego na Fundação Bradesco, que era um super emprego. Eu podia estudar na Fundação Bradesco, continuar meus estudos. Eu trabalhava no ambulatório na clínica odontológica da Fundação. Então eu tinha todo o tipo de benefício na Fundação

---

<sup>12</sup> Esporte Cube Radar.

<sup>13</sup> Aparecida da Silva.

<sup>14</sup> Ana Lúcia Gonçalves.

Bradesco e era outro salário. E ir para a seleção que não era reconhecida pela FIFA<sup>15</sup>, a CBF não dava muita estrutura, era praticamente o Eurico Lira, que era o presidente do Radar que dava toda a estrutura para a seleção. Então eu tive que optar: vai para a seleção e treina com o pessoal do Radar e tem a chance de ser cortada porque não era do Radar, eu era gaúcha que jogava no Saad, então, a chance de ser cortada vai ser grande e perder o emprego que eu tenho, faz dois meses que tenho em função da seleção... Eu optei em não atender a convocação e continuar no meu emprego. Trabalhei três anos na Fundação Bradesco e não fui para esse Mundial de 1988.

S.G. – Mas você foi em 1991. Foi convocada novamente.

M.T. – Aí eu fui convocada novamente. Continuei jogando, continuei trabalhando; jogando pelo Saad, continuei trabalhando na Fundação Bradesco e veio a segunda convocação que era para disputar o mundial da FIFA. No primeiro Mundial da FIFA, a CBF já estava mais envolvida, então, era uma coisa mais organizada. Fizeram a convocação para o Sul-americano, meu nome estava lá, eu pedi licença...

S.G. – O Sul-americano de 1991, disputado em Maringá...

M.T. – Então eu pedi licença para disputar o Sul-americano em Maringá e a Fundação Bradesco me deu a licença para sair do trabalho, porque eu já estava há dois anos e meio, praticamente, na Fundação Bradesco. Eles me autorizaram, me deram o período do Sul-americano para poder ir treinar e disputar o Sul-americano. Como a Fundação Bradesco resolveu me bancar, eles falaram: “A gente vai dar esse período pra você ir, disputar o Sul-americano, treinar com a Seleção e tal. A gente vai pagar pra você quando você voltar”. Praticamente eles me patrocinaram pra ir. Então, eu continuei recebendo pela Fundação Bradesco, eu tive a oportunidade de treinar com a Seleção e participar do Sul-americano. E daí veio o lance do Mundial. A gente se classificou para o Mundial, ganhamos o Sul-americano, classificamos para o Mundial em 1991 e foi aí que tive que fazer a opção, porque o tempo de treinamento seria muito longo. A gente jogou o Sul-americano em Maringá em 1990 e a gente ia ficar, praticamente, um ano na Escola de Educação Física do

---

<sup>15</sup> Federação Internacional de Futebol Amador.

Exército na Urca, treinando para o Mundial de 1991 que foi na China. Aí eu tive que optar: ou fica na Seleção, ou fica no emprego.

S.G. – E daí por qual você optou?

M.T. – E daí como era chancela FIFA e a CBF estava dando apoio, eu optei; “Ok, vamos lá. Agora é o futebol feminino. Antes foi o trabalho, agora vou optar pelo futebol feminino”.

S.G. – Daí você foi nos Mundiais de 1991 e 1995 e nos Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996...

M.T. – Fui em 1991. Continuei, graças a Deus fui convocada novamente em 1995, disputei o Sul-americano em Uberlândia, o Mundial em 1995 na Suécia, em 1996 a Olimpíada de Atlanta que foi minha última participação, a Olimpíada de Atlanta. Aí apareceu...

S.G. – Daí você não jogou mais pela Seleção? Foi sua última apresentação?

M.T. – Não, pela Seleção, foi a minha... A Olimpíada de Atlanta foi a minha última competição pela Seleção Brasileira, depois disso apareceram vários outros nomes, graças a Deus, na Seleção Brasileira: Daniela Alves, a Maravilha<sup>16</sup>, a Duda<sup>17</sup>...

S.G. – A Duda não é atleta olímpica.

M.T. – Não, olímpica não. Mas jogou pela seleção.

S.G. – Sim. Jogou!

M.T. – É. É uma coisa que me deixa assim, muito orgulhosa, é que eu participei do primeiro campeonato mundial oficial organizado pela FIFA e a primeira Olimpíada que teve a presença do futebol feminino.

---

<sup>16</sup> Marlisa Wahlbrink.

<sup>17</sup> Eduarda Marranghello Luizelli.

S.G. – Um pioneirismo fantástico esse que você tem. As duas principais competições...

M.T. – As duas competições que são pioneiras eu estava lá. E representar o país, você sempre quer colocar o país em primeiro lugar, mas em 1988 eu não pude fazer isso, justamente por causa da transição. Emprego versus uma competição que não era oficial e que eu tinha grandes chances de ser cortada, porque eu não era reconhecida como atleta, então, foi uma opção que eu tive que fazer na época.

S.G. – Depois de 1996, você continuou jogando?

M.T. – Continuei jogando.

S.G. – Em São Paulo?

M.T. – Depois da Olimpíada de 1996, em 1997 se fez a Paulistana<sup>18</sup>. Então os grandes clubes como o Corinthians, o São Paulo, a Portuguesa<sup>19</sup>, o Santos<sup>20</sup>, o Palmeiras formaram equipes femininas, o Dema<sup>21</sup> que trabalhava comigo na Seleção em 1995, me chamou para ir para o Corinthians, porque ele foi treinador do Corinthians. Então, na época você poderia ter três jogadoras em nível de Seleção em cada time. Então, três jogadoras de seleção no Corinthians, três jogadoras de seleção no São Paulo e daí por diante.

S.G. – Sim.

M.T. – Três jogadoras da seleção no Corinthians, na época, era eu, a Roseli<sup>22</sup> e a Solange<sup>23</sup>, zagueira. Depois veio a Elaine<sup>24</sup>, mas isso foi depois da Paulistana. Mas na Paulista era um ranqueamento: três jogadoras em nível de seleção por time que são participantes da seleção.

---

<sup>18</sup> Campeonato Paulista de Futebol Feminino.

<sup>19</sup> Associação Atlética Portuguesa.

<sup>20</sup> Santos Futebol Clube.

<sup>21</sup> Ademar Fonseca Nogueira Júnior.

<sup>22</sup> Roseli de Belo.

<sup>23</sup> Solange Bastos.

S.G. – E você continuou trabalhando como treinadora nesse período?

M.T. – Eu comecei em 1997. Então eu praticamente treinava no Corinthians dois períodos, de manhã e à tarde, depois... Porque o Corinthians participou da Paulistana, depois, no começo de 1998 eles acabaram com a equipe, foi quando eu fui para o São Paulo. E no São Paulo eu ia treinar esporadicamente, eu não ia todo santo dia porque eu tinha o trabalho como treinadora de futebol de salão e eu jogava futebol de salão ainda pela Associação Sabesp. Então mesmo participando do Corinthians, eu não me desliguei da Associação Sabesp completamente, eu ainda tinha vínculo com a Associação Sabesp no futebol de salão, mas jogava o campo com o Corinthians e todo o treinamento eu fazia no Corinthians, quer dizer, eu deixei de treinar na Associação Sabesp para continuar treinando no Corinthians em dois períodos e eu só competia o futebol de salão pela Associação Sabesp, mas treinava a equipe juvenil. No começo de 1998 quando o Corinthians acabou com o time, eu ficava mais na Sabesp e de vez em quando ia treinar no São Paulo e eu não cheguei a disputar nenhuma competição oficial pelo São Paulo, fiquei só seis meses... Não, quatro meses no São Paulo, dois meses fazendo treinamento, experiência, não recebia, e os outros dois meses eles me pagaram, davam ajuda de custo. Depois eu saí do São Paulo e a Sabesp ficou mais envolvida com o Palmeiras, porque cedeu várias jogadoras do futebol de salão para o time de campo do Palmeiras, que foi onde surgiu a Raquel Noronha<sup>25</sup> que é outra gaúcha.

S.G. – É verdade.

M.T. – Ela disputou Olimpíadas se eu não me engano.

S.G. – A Raquel? Sim, foi aos Jogos Olímpicos de Sidney em 2000.

M.T. – Raquel. Aí teve a Fabiana Vincenti, que agora joga na Espanha e treina equipes na Espanha. Então muitas jogadoras que eram jogadoras só de futebol de salão,...

---

<sup>24</sup> Elaine Nascimento.

<sup>25</sup> Raquel de Souza Noronha.

S.G. – Foram para o campo.

M.T. – Foram para o Palmeiras, para o campo também. Então as minhas meninas praticamente, da equipe que eu treinava juvenil, foram jogar futebol de campo no Palmeiras também. Então a equipe do Palmeiras pegou, praticamente, toda a estrutura da Associação Sabesp.

S.G. – Tafa, como é que foi sua participação nos Jogos Olímpicos? O que mais te encantou nesta competição?

M.T. – Nossa!

S.G. – É que é diferente de participar de uma Copa do Mundo?

M.T. – Eu vou até te falar de uma frustração que eu tenho. Eu sempre... A partir do momento que eu fui convocada pela primeira vez, eu tinha esse sonho de disputar um Jogo Olímpico. Eu não sei, Jogos Olímpicos eram... Você escutava “*Jogos olímpicos...*” Então, era uma coisa que eu falava: “Nossa. Quando que vai ter futebol feminino na Olimpíada?” Sabe, porque eu queria disputar uma medalha de ouro pela Seleção Brasileira. Então, quando falaram que em 1996 o futebol feminino teria a primeira participação numa Olimpíada, eu falei: “Finalmente vou representar meu país, vou representar meu estado, vou brigar por uma medalha e vou participar de uma abertura de Olimpíada”. Esse era o meu foco: desfilar na abertura.

S.G. – Na cerimônia de Abertura?

M.T. – Sim, a cerimônia com todos os atletas olímpicos, estar ao redor de nomes super famosos de todos os países. Então, para eu participar do desfile de abertura dos Jogos Olímpicos era uma coisa que eu visualizava: “Primeira Olimpíada, eu vou desfilar!” Frustração.

S.G. – O que aconteceu?

M.T. – Nós estávamos na sede em Washington, a gente não estava em Atlanta. Então a primeira fase de classificação dos Jogos Olímpicos foi em Washington.

S.G. – Ou seja, vocês não foram e não participaram da cerimônia de abertura!

M.T. – A gente não participou do desfile de abertura. A gente assistiu no telão na Vila Olímpica em Washington, eu falei: “*Eu queria estar lá, eu quero desfilar*” e eu chorava quando entrou a Seleção Brasileira.

S.G. – A delegação brasileira.

M.T. – Sim, a delegação brasileira com a bandeira... E eu falei: “A gente está aqui, não acredito!” Obviamente feliz por estar numa Olimpíada mas a frustração de não estar naquele momento desfilando com a delegação de atletas da Seleção Brasileira, representando o Brasil. Foi a única frustração que eu tive com relação aos Jogos Olímpicos, a de não participar do desfile, mas estar em uma Olimpíada é uma coisa... Na Vila Olímpica...

S.G. – Vocês estavam com atletas de todo o mundo.

M.T. – sim, você vê um jogador de vôlei... Para mim, na época, o Maurício<sup>26</sup> e o Giovane<sup>27</sup> eram os dois jogadores de vôlei que o Brasil... Medalha de ouro em Barcelona<sup>28</sup>. Então você assistia eles pela televisão, mas aí... Quando a gente passou da fase de classificação que a gente foi para a semi-final, aí a gente foi para Atlanta. Eu dizia: “Bom, agora eu vou estar onde é a sede da coisa”. Aí a gente ia tomar café da manhã com os jogadores de vôlei. Quando eu vi o Maurício e o Giovane eu tive que correr pra eles. “Maurício, Giovane, eu assisto vocês pela televisão, mas eu preciso de uma foto”. Aí eles sentaram com a gente na mesa, tomaram café da manhã com a gente, muito legal. Tirei foto com eles. O grande problema também é que dessas imagens da Olimpíada, a maioria está com a minha mãe no

---

<sup>26</sup> Maurício Camargo Lima.

<sup>27</sup> Giovane Farinazzo Gávio.

<sup>28</sup> Jogos Olímpicos de Barcelona.

Sul e muitas... Eu tive uma coisa muito chata, porque invadiram a casa da minha mãe e roubaram algumas coisas, e uma das coisas que roubaram foram meus álbuns de foto.

S.G. – Não acredito!

M.T. – Eu até falei para a minha mãe: “A troco de que, que eles querem foto?”. Isso é coisa histórica pra mim, não vai ter valor nenhum para quem roubou.

S.G. – Não estou acreditando.

M.T. – Mas roubaram roupas da minha mãe, roubaram... Acho que o que eles viam, eles levaram. Até a minha mãe falou, foi na rádio de Bento Gonçalves e pediram para entregarem de volta mas infelizmente não recuperei essas fotos.

S.G. – Que pena.

M.T. – Mas eu tinha fotos com o Mauricio, Giovane, que eu achava super gatos [RISO]. Na época... Eu tinha essa loucura de... A gente acompanhava o vôlei, que foi medalha de ouro, a gente torcia muito. E tirei foto com a Paula<sup>29</sup>, jogadora de basquete, que eu era super fã. A Paula, a Hortência<sup>30</sup>, a Janete<sup>31</sup>. Então, para mim essas fotos faziam muita falta, porque a gente tirou com tanto carinho, era um fato histórico poder participar de uma Olimpíada, tirar fotos com jogadores de alto nível de outros esportes, conheci jogadores da Angola, um cara de Angola, falou português, veio e tirou foto comigo, eu nem lembro o nome dele agora no momento. Mas assim, é um momento histórico, super legal. E infelizmente aconteceu isso, mas poder contar e poder falar que eu tive... De vez em quando as minhas meninas<sup>32</sup> aqui, eu falou para elas: “Eu fui jogadora da Seleção Brasileira”. As meninas que são super novas, elas vão no “Google” e elas pesquisam o nome para ver: “Você é famosa mesmo [RISOS]”.

---

<sup>29</sup> Maria Paula Gonçalves da Silva.

<sup>30</sup> Hortência de Fátima Marcari.

<sup>31</sup> Janeth dos Santos Arcain.

<sup>32</sup> Referência a alunas das equipes de futebol com as quais a entrevistada trabalha nos Estados Unidos.

S.G. – Que gracinha.

M.T. – Então está lá na internet, para quem quiser confirmar. Mas você ter na sua memória, que você participou dos Jogos Olímpicos, que você participou de duas Copas, é fenomenal, é uma experiência única, é uma coisa que você leva para a vida, é uma coisa que guarda, que marca você de uma forma muito intensa. E representar o seu país é uma coisa que eu tenho dentro de mim, é muito forte, representar o seu estado, saber que você chegou a esse nível, saber que representou o seu estado da melhor forma que você podia, que você representou seu país da melhor forma que você podia, é uma coisa que tem um sentimento muito especial para mim, muito especial, e com toda, sem sombra de dúvidas, um dos melhores momentos da minha vida, foi poder representar o Brasil em competições internacionais, acho que não tem experiência mais gratificante do que essa. É uma experiência muito, muito, muito assim, que marca de verdade.

S.G. – E a decisão de vir para os Estados Unidos, quando foi?

M.T. – Ai, essa decisão também foi... Eu sempre fui uma pessoa muito inquieta, eu sempre fui uma pessoa que sempre quis aprender, eu sempre tinha questionamentos dentro de mim. “Brasil, país do futebol!” E eu falava: “Nossa!”. A gente vê a estrutura do futebol masculino, você vê as coisas andando para o futebol masculino, você vê como o futebol de base masculino é tratado e aí você começa a pensar: futebol feminino. Eu já tinha parado de jogar pela Seleção Brasileira, eu estava só jogando o futebol de salão, já estava chegando naquela idade em que você é considerada veterana, que você é... No Brasil, você passou dos trinta e poucos anos você já é considerada veterana, então, vai chegar num período que você vai pensar no que fazer. Eu era treinadora da seleção juvenil da Associação Sabesp que estava conquistando tudo a nível de futebol de salão de base, não só no estado de São Paulo, mas no Brasil. A primeira Taça Brasil Juvenil a Associação Sabesp conquistou, eu era treinadora, graças a Deus! Tive um grupo de atletas que eu acho que influenciei bem, eu acho que eu pude ser um modelo para essas jogadoras, eu acho que eu pude passar a minha experiência como atleta para essas jogadoras que eu treinei, e que graças a Deus vieram a ser bem sucedidas no que elas fizeram. Mas eu tinha esse questionamento dentro de mim: Por que nos Estados Unidos o futebol feminino dá certo, elas conquistam, elas têm a estrutura, elas atingiram esse nível de conquistar medalha de

ouro olímpica, de conquistar o Mundial, e a gente com toda a qualidade que a gente tem, a gente não consegue desenvolver o futebol feminino? Então eu tinha esse questionamento, e fora que eu estava fazendo faculdade de Gerenciamento em Turismo e Hotelaria, então para mim, era básico ter o inglês, eu achava que o inglês era a língua que eu tinha que ter de qualquer forma. Então, como eu te falei, eu era muito inquieta e eu comecei a fazer aulas de inglês, numa escola de inglês perto da Avenida Paulista e já estava fazendo esse inglês por quase um ano, mas eu não conseguia me desenvolver, falar fluentemente do jeito que eu achava que teria que ser. Nesse período a Sissi<sup>33</sup> já estava aqui jogando profissionalmente. A Sissi veio em 2001. A gente era super amigas, tanto na Seleção, como fora da Seleção. A gente já jogou contra, já jogou no mesmo time. Na Associação Sabesp a gente jogou junto, a gente jogou junto no São Paulo, fomos adversárias quando eu joguei no Corinthians quando eu tive que marcar ela. Mas a gente sempre teve amizade forte fora do campo, fora das quadras. A gente sempre foi muito amiga, porque a minha mãe é baiana, ela é baiana. Então a gente se identificava em muitas coisas e nos tornamos muito amigas. E quando ela veio aqui para os Estados Unidos, eu estava com esse questionamento e queria mudar algumas coisas na minha vida e estava fazendo faculdade de Gerenciamento em Turismo e Hotelaria e queria aprender o inglês. Aí a Sissi sugeriu: “Quando você tiver férias, vem. Passa o mês de férias que você tem, aqui nos Estados Unidos pra você aprender um pouquinho do inglês. Um mês que você fica aqui, você já vai ver a diferença e a gente combina que você tem que falar o inglês, se você vier a gente combina de não falar o português, você só fala inglês. Você vai no *adult center* que tem aqui, você aprende inglês”. Aí eu falei: “Pô! Haja dinheiro pra ir para os Estados Unidos. Eu trabalhava, mas eu não tinha dinheiro pra ficar pagando passagem”. Então ela disse assim: “Vamos fazer o seguinte: se você decidir vir, só para aprender o inglês por essa temporada, você compra a passagem do jeito que você puder, se você precisar de ajuda, eu ajudo você e você vem e passa a temporada. Se você quiser vir e ficar um tempo maior, você traz todos os artigos de jornais que você tem, porque aí você tem que aplicar para um novo visto, porque o visto de turismo te dá só seis meses. Se você achar que se em um mês que você vem e passa, você achar que não está legal, você quiser estender, aí traz esses artigos de jornais que a gente aplica para o novo visto”. E isso foi o que eu fiz aqui quando eu estava aqui”. Aí eu vim, a principio só para aprender o inglês mesmo. Aí a Sissi me leva

---

<sup>33</sup> Sisleide Lima do Amor.

para os treinos dela, que ela já tava trabalhando como treinadora aqui. Me leva para os treinos, aí você vê essas meninhas de nove, dez anos, jogando futebol em competição organizada. Você vê as de seis, sete anos, já com bola no pé; você vê a estrutura, a organização do futebol feminino aqui. Aí eu fiquei mais curiosa ainda porque eu queria ficar pra aprender. Agora, além de eu querer aprender o inglês, eu queria aprender qual é a estrutura que dá essa base que a seleção americana tinha e para isso eu tinha que ficar mais tempo, daí eu falei: “Sissi, vamos aplicar para aquele visto que você falou?” Aplicamos para o visto que me deu mais três anos aqui e já se foram onze anos.

S.G. – Onze anos já. É muito tempo!

M.T. – Então é isso! Esse questionamento de querer ajudar o futebol feminino brasileiro a se desenvolver, mas para isso eu tive que vir para cá para aprender o que estava dando certo que poderia ser levado para o Brasil, para ser implementado lá e de repente ajudar a desenvolver o futebol feminino lá. Mas a tal coisa é que quando você vem e você começa a ter essa estrutura, essa valorização do futebol feminino aqui nos Estados Unidos, você começa a pensar: “Por que eu quero ir de volta para o Brasil? Para sofrer o preconceito, para não ter o tipo de valorização que a gente tem aqui?” Porque quando você trabalha com futebol feminino no Brasil, é muito limitado o que você pode fazer, não tem muitas organizações que te abram a porta pra você dizer: “Eu quero chegar a esse nível. Eu quero ser treinadora de Seleção!” E aqui você tem esse tipo de porta aberta, você começa com o *youth talk*, treinando em clube, mas você tem a possibilidade de treinar *high school*, você tem oportunidade de treinar universidades *junior college*, você tem a possibilidade, de repente, se você for bem sucedida nas universidades, você pode treinar equipes profissionais. É o nível que você quer.

S.G. – Você tem opção, é isso?

M.T. – Aqui você escolhe. Tem a opção. Se você quer trabalhar com desenvolvimento, você trabalha com clube, se você quer trabalhar com alto nível, você trabalha com universidades, equipes profissionais. Se você quiser trabalhar com nível intermediário, você vai trabalhar com *junior college* divisão dois, divisão três de universidades. Então, você tem opções aqui. No Brasil eu me sentia muito limitada com relação ao que eu tinha

de opções, por isso até que eu comecei a fazer Turismo e Hotelaria, porque era uma área que eu gostava, que é hospitalidade que a gente fala, e era o contato com as pessoas, e eu gostava de ter contato com as pessoas. Então, eu não queria me limitar a trabalhar com o futebol no Brasil, porque eu sabia que não ia poder seguir carreira, ou a carreira seria muito limitada. Eu queria trabalhar numa área onde eu pudesse lidar com as pessoas, então, eu comecei a estudar, a fazer a faculdade de Gerenciamento de Turismo em Hotelaria para essa parte. Mas aí eu vim para cá e comecei a trabalhar com o futebol feminino aqui, comecei a acompanhar a Sissi nos treinos, aí as pessoas ficam sabendo que você foi companheira da Sissi na Seleção Brasileira, que também foi jogadora de Seleção Brasileira, aí vem um mundo de convites: “Você não quer treinar a nossa equipe?” E não só isso, mas *personal trainer*, porque na época quando eu vim, eu vim com visto de turista, então, eu não podia ter trabalho. Muito *personal trainer*, as crianças vêm e querem *extra training*, elas querem trabalhar separado do time.

S.G. – Trabalhar separado do time?

M.T. – Então você pode fazer dinheiro nessa parte também. Então no começo eu fiz muito *personal trainer*, dava treino para as crianças, fazia treino de grupos, ou treino individualizado, então eu recebia por hora. A partir do momento em que eu mudei o visto e comecei a trabalhar em clube, no desenvolvimento que era o que eu gostava, com crianças de nove a doze anos de idade, eu jogava pela WPSL<sup>34</sup>, pelo Califórnia Storm. Então foi assim que eu passei a ter essa perspectiva de morar nos Estados Unidos. Porque até então, quando eu vim, eu ainda pensava em voltar e trazer o meu conhecimento daqui dos Estados Unidos para o Brasil, mas a partir do momento em que eu apliquei para o visto que me deu três anos, você começa a pensar: “Nossa, depois de três anos, voltar para o Brasil? Tentar começar do zero, começar praticamente do nada, quando você já tem uma estrutura e uma adaptação melhor aqui. Então, vamos continuar tentando ficar por aqui”. E finalmente peguei meu “Green Card”<sup>35</sup> agora, então, isso já abre outras portas.

S.G. – Ah, que maravilha, isso é muito bom.

---

<sup>34</sup> Women’s Premier Soccer League.

<sup>35</sup> Visto de residente dos Estados Unidos.

M.T. – Já posso agora aplicar para trabalhos em Universidades como treinadora, já posso aplicar trabalhos em clubes como treinadora, clubes mais profissionais. E se abrem outras portas, e essa foi a minha decisão de vir para os Estados Unidos, a princípio foi para aprender inglês, e a partir do momento que eu vim e vi a estrutura do futebol feminino aqui, eu falei: “A gente é apaixonada por isso, a gente é apaixonada pelo futebol feminino, voltar para o Brasil... Ótimo, seria interessante, mas começar do zero quando você já tem uma estrutura, uma valorização e uma possibilidade aqui?”. Então eu optei por ficar. A minha família ficou, a minha mãe ficou meio assim: Ficar aí, sério?” Mas depois dos três anos, depois que eu fiquei os três anos, ela já começou a entender mais que a vida aqui, a qualidade de vida aqui nos Estados Unidos é diferente da qualidade de vida no Brasil, o preconceito é muito menor. Claro que tem em todo lugar, a gente não pode dizer que o preconceito existe só no Brasil, existe em todo lugar, mas existem porções de preconceitos, porções grandes, porções menores, porções médias [riso], aqui o preconceito é *muito* menor do que você enfrenta no Brasil, as possibilidades aqui são maiores de trabalho do que no Brasil.

S.G. – Tafa, poderíamos conversar muito mais.. Tem alguma coisa que eu não te perguntei e tu queira falar da sua história do futebol?

M.T. – Bom, eu acho que... Uma coisa que eu...

S.G. – Pensa que assim: a ideia de que alguém vai ler a tua entrevista, uma coisa que você gostaria de deixar registrado que você fez, que você gostaria de ter feito.

M.T. – Eu acho que eu gostaria apenas de enfatizar que foram várias coisas que fizeram com que eu chegasse ao nível que eu cheguei. Eu acho que, em primeiro lugar, o suporte familiar. Se eu não tivesse o suporte de toda a família... Eu tive o suporte da parte da família que contou muito e que foi a minha mãe brigar para que eu fizesse o que eu queria fazer, que foi eu jogar futebol. O meu pai passou a entender isso, ele não foi extremamente receptivo no começo porque eu acho que toda a ideia de jogar futebol para menina no Brasil a princípio não era a melhor ideia possível. Obviamente meu pai sabia provavelmente o que eu ia enfrentar, muito preconceito, mas a partir do momento que eu fui convocada para a seleção brasileira e que ele viu que isso era uma paixão, que ele viu

que eu tinha um potencial de representar nosso país fora, ele foi receptivo para isso e ele mesmo passou a divulgar a filha dele para os amigos [risos]. Foi muito importante o suporte da família, então, eu tive isso para fazer o que eu queria fazer. Eu acho que a força de vontade... Às vezes a gente fala... Às vezes você pode até perguntar: “Qual é o conselho que você dá para as meninas que estão começando a jogar futebol?” Eu acho que é isso, é a força de vontade interna que você *tem que ter* para superar qualquer coisa na sua vida. Não só o preconceito, mas principalmente atingir os gols que você tem como meta. Eu acho que quando você põe o esforço, você sacrifica horas de estudo, seja o estudo ou horas de trabalho e que você põe força de vontade naquilo que você está fazendo, e que você gosta de fazer, o resultado vem. Demore o tempo que demorar, o resultado vai vir. E é aquilo que eu falei: Quando você tem tudo isso, a força de vontade, a determinação e põe esforço para alcançar os objetivos, eu acho que as coisas vêm... E dar valor, a gente precisa dar valor às coisas que a gente conquista, porque às vezes a gente gosta de se inferiorizar. No Brasil a gente acha que tudo fora do país é melhor. E eu acredito que o futebol feminino brasileiro tem *muita, muita* qualidade. O que a gente não tem ainda é a estrutura que os outros países têm, porque eu ouço muito falar: “A gente não tem a quantidade, a gente não tem a estrutura que os outros países têm”. Eu sou da seguinte opinião: a gente ainda está engatinhando na estrutura, mas aquilo que a gente precisa que é a qualidade técnica das jogadoras, as próprias jogadoras com qualidade, com desejo e com vontade, isso a gente tem. A partir do momento que a gente conseguir estruturar isso e fazer com que as jogadoras joguem no maior nível possível, dando toda assistência para elas atingirem um melhor nível, aí o Brasil vai crescer, aí o Brasil vai ser potência. Enquanto a gente continuar engatinhando e dar estrutura por períodos, e não tiver uma continuidade, a gente ainda vai sofrer. Mas não é por falta de talento, porque talento a gente tem, é por falta da estrutura. Da continuidade que a gente ainda não tem no Brasil, infelizmente.

S.G. – É um grande problema isso.

M.T. – E que a gente está pecando, porque quantos anos já a gente está batendo nessa mesma tecla: precisa ter continuidade, precisa ter estrutura, precisa ter planejamento, há muitos anos a gente está batendo nessa mesma tecla. Então temos que parar de bater na tecla e começar a agir, começar a ter mais ação para fazer com que isso aconteça. A partir do momento que isso começar a acontecer, eu acho que a gente vai colher resultados. E

esses resultados não podem ser: “Tem que ser para hoje!” Tem que dar tempo para que esses resultados vir. Eu acho que Estados Unidos, França, Japão, que são potências no futebol feminino; eles não estão investindo hoje para o amanhã, eles estão investindo hoje pra daqui alguns anos.

S.G. – Dez anos.

M.T. – É o que eu estou te falando. Você tem meninas... Aqui nos Estados Unidos é o que eu falei pra você, tem programas de desenvolvimento; as meninas começam com dez anos, nove anos de idade, é obvio que elas não vão jogar para a seleção nacional com nove, dez anos de idade, elas vão jogar pra seleção com dezoito, dezenove. Dezesete para as seleções de base. É um trabalho de cinco anos para frente. Elas começam com nove, dez anos, para quando elas tiverem, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito, dezenove, vinte, jogarem na seleção de base. Então é um trabalho a longo prazo e isso é o nosso problema no Brasil, porque tudo é imediatista, é ontem pra hoje.

S.G. – Ontem pra amanhã.

M.T. – E o trabalho de desenvolvimento do futebol feminino, tem que ser de hoje para daqui a cinco anos, de hoje para daqui a dez anos. Então o trabalho tem que ser feito com crianças novas, com crianças de seis, sete anos, para se colher lá na frente. Essa é a grande falha que nós temos com relação à estrutura. Mas eu ainda acredito muito que a gente possa vir a ser uma potência, a partir do momento que a gente começar a trabalhar nessa parte de estruturar.

S.G. – Tafa, se você pudesse definir o futebol... Ou melhor, definir o que é o futebol para você?

M.T. – O futebol para mim é paixão. Paixão, vida, tudo que eu tenho que é pouco. Eu não tenho, não sou rica, tudo que eu tenho hoje, eu devo ao futebol. Eu acho que saúde, não se envolver em coisas ruins, porque quando você tem o futebol na mente, você não pensa em coisas ruins, você pensa só em coisas boas. Você quer estar o mais saudável possível para poder jogar e competir em alto nível. O futebol para mim trouxe essa paixão pelo esporte,

essa paixão de querer ajudar a desenvolver o futebol feminino no Brasil, querer ajudar a ver jogadoras brasileiras para levar para Seleções de base, ajudar a fazer a diferença na vida dessas meninas que a gente trabalha. Eu até falo para as minhas meninas: “Você tem que ter paixão por aquilo que você faz, porque se você não tem paixão, você tem que procurar a onde está sua paixão. Se não for no futebol, tem que ser em algumas coisa.” Mas a minha paixão foi o futebol, por isso que eu gosto de trabalhar sendo treinadora. Se a minha paixão não fosse o futebol, eu provavelmente estaria fazendo outra coisa e quando você tem essa paixão, é o que eu falo, você quer fazer diferença, você quer ajudar o máximo que você pode. Então para mim é isso. O esporte, o futebol feminino, pra mim se resume nessa palavra: paixão, amor por aquilo que faz.

S.G. – Muito obrigada mesmo pela tua atenção e disponibilidade.

M.T. – Imagina, eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]